

Day 00006 - a linha tênue entre preço e valor

Acabei de ser informada em uma conferência quarteirizada com a PURR-Corps de que minha família recebeu o dinheiro de parte do acordo em que fizemos. Ou seja, isso é uma assinatura de que não há mais retorno, eles finalmente estão recebendo os pacotes de logs que eu cataloguei até agora. Não foram descobertas impressionantes, apenas recicla o trabalho que a última sonda espacial não havia catalogado: metano estado sólido em algumas luas pequenas de Saturno. Metano existe em estados gasosos, mas por estar sólido, quer dizer que eles estão em uma temperatura de $-182,5^{\circ}\text{C}$.

Isso não era nada perto da frieza da que eu sentia no meu momento, de não pertencimento, de vazio... ironicamente de vácuo. Não é que eu esteja reclamando do que desenvolvi até agora, não é isso. Mas é uma sensação de querer voltar pra casa, mas o contador do diário de bordo me faz lembrar de que esse dia irá durar uma eternidade, não porque eu vá ficar aqui para sempre, mas porque eu tenho medo de olhar para Saturno durante muito tempo. Existia uma antiga lenda terrestre que dizia que, se você olhasse demais para o abismo, ele também te olha de volta.

O único problema disso é que eu não estou aqui impassível, como quem meditasse perante a escuridão, eu estou aqui jogando feixes de luz no planeta, orbitando junto com sondas observadoras, recolhendo material de sua própria órbita. É como se eu o desafiasse, jogando pedrinhas em sua janela dizendo: "hey bobão, eu não sou um monte de metal retorcido com uma câmera, eu estou aqui perturbadoramente viva, você não vai fazer nada?" E eu sei que uma hora ou outras, esses aneis vão girar, me fazendo rodopiar pelo espaço.

Essa missão é um desafio, e principalmente um enigma onde eu preciso me lembrar que eu sou um objeto de valor, e não uma mercadoria vendível. Nesses cinco dígitos de existência Saturniana, eu preciso me reencontrar, me descobrir como pessoa, como cientista... como alma pulsante. Eu preciso mostrar para Saturno que eu sou uma aliada, e não uma inimiga. Preciso fazê-lo sentir que estou diante de uma presença majestosa, e não um quadro estático pendurado em um museu esperando plateia.

O único problema é que a comunicação interplanetária não funciona dessa forma. Eu não posso simplesmente oferecer um sorriso amarelo e um aceno com as mãos. Eu preciso transpirar verdade e autorreconhecimento. Preciso acreditar nas próprias histórias que eu conto, não para acreditar em uma mentira, mas para identificar o reflexo que eu vejo no

espelho. Porque a primeira identidade que temos é o nosso corpo, o nosso tempo. Eu preciso vibrar tão alto que Saturno me ajude durante esse projeto, e que eu não seja interceptado pelo eixo Nascka_Delta.

Porque o problema mora exatamente aí: eu não estou em um planeta inabitado. Eu estou em uma realidade construída há gerações, e que se transforma na superfície terrestre como uma lenda — ou um futuro promissor —, Nascka e Delta sempre foram tratados com uma reverência quase estoica, por ser liderado pela consciência Magenta. Eu o vi apenas uma vez, e sendo sincero, não preciso da segunda oportunidade. Estou feliz com a minha vida e a minha existência. Simplória e Findável!

Algo me diz que Saturno abrirá as portas do mistério para mim. Não é algo que se explica, é algo que se sente. Porque mesmo com todos essas intempéries, eu sobrevivo em meio ao colapso de identidade sofrido pela solidão, suporto o peso gravitacional da palavra não dita, e encarno a vastidão da superfície que jamais poderei tocar. Eu cumprirei minha missão, não como um fardo, mas como uma oportunidade de reinvenção. Eu voltarei para a Terra. Abraçarei minha família de novo, e carregarei o brasão:

Da mulher cientista que não sucumbiu ao espaço
Mas dominou suas próprias leis gravitacionais,
— Astra

